

RESENHA

ENSINANDO COMUNIDADE: UMA PEDAGOGIA DA ESPERANÇA

Jeniffer Geraldine Pinho Santos¹

hooks, bell. *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*. Trad. Kenia Cardoso. São Paulo: Elefante, 2021.

Nascida Gloria Jean Watkins, em 1952, nos Estados Unidos, bell hooks foi uma importante teórica feminista afro-americana que levantou as bandeiras do amor e da educação como prática da liberdade. *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança* (2021) faz parte da Trilogia do ensino, composta também pelas obras *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade* (2013) e *Ensinando pensando crítico: sabedoria prática* (2020).

No livro *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*, a autora utiliza a própria trajetória como estudante e educadora para mostrar a importância de construir uma comunidade, em qualquer espaço educativo — a sala de aula convencional, a família, “o mundo como sala de aula”, que valorize a autonomia e autoestima dos jovens. Para tanto, a autora acredita na prática do diálogo crítico, no feminismo e em práticas antirracistas. A obra traz 16 ensinamentos sobre comunidade e pedagogia da esperança, sempre dialogando com outros educadores, psicólogos, intelectuais, mulheres brancas e homens brancos considerados por bell como aliados, alguns dos seus estudantes e sua própria família.

Em o “desejo de aprender: o mundo como sala de aula”, primeiro ensinamento, a autora comenta sobre a necessidade de uma revolução pedagógica em sala de aula que exponha como o sistema institucionalizado de dominação

¹ Mestra em Crítica Cultural pelo Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia, jornalista, professora e pesquisadora. Endereço eletrônico: jeniffergps@gmail.com.

(raça, sexo, imperialismo nacionalista) reforça os valores dominadores e doutrina a mente de alunas e alunos. Um ponto de partida da revolução é a crítica ao material utilizado em sala de aula. Em seguida, o comprometimento em utilizar outras narrativas para desmontar o discurso da universalidade branca e colocar em sala de aula narrativas contra-hegemônicas. Um movimento de descolonização dos modos de pensar reforçado principalmente pelos estudos negros e estudos feministas.

Neste primeiro capítulo/ensinamento, bell relembra a importância das acadêmicas feministas que desafiaram o currículo e a metodologia de ensino patriarcais para criar um espaço de formação progressista e mais atrativo nas universidades norte-americanas. A autora também expõe as tensões encontradas durante o percurso, como os embates com alguns professores brancos e professoras brancas e a manipulação da grande mídia conservadora. hooks, ao longo de toda a sua produção intelectual, criticou a grande mídia, mostrando como o discurso propagado por esse meio contribui para formar opiniões errôneas sobre o feminismo e modos progressistas de pensar. Além de ser o principal veículo de exaltação da mensagem da cultura dominante.

No ensinamento 2, “um tempo de licença: salas de aula sem fronteiras”, a autora compartilha de alguns momentos da sua trajetória como docente em que pode experimentar outros tipos de sala de aula, diferentes das salas de espaços de elite branca que havia passado até o momento na carreira. A autora realizou palestras e teve a oportunidade de lecionar para estudantes não brancos, da classe trabalhadora, em instituições públicas. Esse tempo de licença promoveu o deslocamento do habitual que trouxe novas perspectivas sobre a prática de ensino e aprendizagem para bell. Ela passou a alimentar o desejo de ensinar além da norma e dos valores corporativos das universidades.

“Conversa sobre raça e racismo” é o ensinamento 3 em que bell hooks defende um ativismo antirracista contínuo para acabar com o pensamento supremacista branco existente em ações do cotidiano em toda sociedade. É neste capítulo também que a educadora explica o uso do termo “supremacia branca” para nomear o sistema de preconceitos de raça. De acordo com bell (p. 71-72), “Ele engloba pessoas negras e de cor cuja mentalidade é racista, ainda que organizem o pensamento e ajam de forma diferente das pessoas brancas racistas.” O argumento utilizado para reforçar a proposta do termo supremacia branca é que todos são socializados para reproduzir as crenças e valores da cultura dominante.

Ao defender um ativismo antirracista contínuo, a autora alerta para a ameaça que são as práticas diárias que reproduzem o racismo e que podem passar despercebidas enquanto há preocupação com grupos extremistas, por exemplo, que já são ameaças declaradas. As práticas do racismo cotidiano reforçam quem pode falar ou se expressar e quem é considerado autoridade. E do lado oposto quem deve ouvir, aceitar e servir. Em todos os casos faz-se tudo pelo bem da branquitude. E perpetua-se também o pensamento excludente, característica da supremacia branca.

No ensinamento sobre raça e racismo, bell hooks também aponta algumas propostas de enfrentamento que compõem o ativismo antirracista e a construção de uma comunidade: a vigilância sobre o uso da linguagem para que faça uso da inclusão — “ambos/e” contra o pensamento excludente; o resgate da autoestima; e o cultivo da consciência crítica e descolonização do pensamento.

Educação democrática é o tema do ensinamento 4. Neste capítulo, bell hooks explana como um educador democrático pensa sobre sala de aula e ensino. E uma das suas principais referências, não apenas nesta obra, mas em toda

Trilogia do ensino, é o educador brasileiro Paulo Freire. Nesta perspectiva democrática, defendida por hooks e Freire, o ensino é parte essencial do mundo e da vida real e não algo fora. E o conhecimento é compreendido como “uma experiência que enriquece a vida integralmente” (p. 93).

Uma das práticas progressistas dos educadores democráticos é compartilhar conhecimento fora da sala de aula, o que traz a percepção de que o conhecimento acadêmico pode sair do espaço universitário e alcançar outros públicos, um dos desejos da própria bell hooks com relação ao seu trabalho intelectual. Outras práticas do educador democrático levantadas pela autora são: diálogo com papel central na pedagogia; valorização da diversidade da linguagem; participação em movimentos por justiça social — luta antirracista e movimento feminista; empenho em criar laços.

No ensinamento 5, “o que acontece quando pessoas brancas se transformam”, bell hooks comenta sobre a formação de laços com pessoas brancas antirracistas que conheceu ao longo de sua trajetória. É, principalmente, um ensinamento sobre acreditar na possibilidade de transformação das pessoas. A autora argumenta que não acreditar na transformação reforça a lógica da supremacia branca. Assim como Paulo Freire dizia que somos condicionados, mas não determinados, bell acreditava ser possível escolher resistir à socialização racista. A educadora também pondera que resistir não quer dizer que pessoas brancas não vão cometer erros e que não vão se beneficiar do privilégio da branquitude, mas “serão capazes de encarar o próprio erro e de corrigi-lo” (p. 118).

Em “ensinamento 6: padrões”, bell hooks alerta para o fato de que a segregação racial existe hoje na educação e de forma mais aperfeiçoada. A autora argumenta que escolas com público pobre não branco da classe trabalhadora recebem menos financiamento, o que acarreta infraestrutura

precária. Neste capítulo, bell também relembra sua experiência como aluna de escola segregada, no sul dos Estados Unidos, e como a presença de professores negros ajudou no processo de elevação da autoestima de jovens negros. O padrão do pensamento supremacista branco pode criar o que bell hooks chamou de “auto-ódio internalizado” em pessoas negras. Esse ódio diminui ou anula a autoestima negra, que reflete negativamente no engajamento para formação intelectual e outros setores da vida.

É também no ensinamento 6 que bell fala da criação de uma “subcultura revolucionária dentro do sistema educacional de nossa nação” (p. 132), que significa elevar a educação como prática da liberdade para afirmação da autoestima dos estudantes, ser e viver com consciência crítica e acreditar no “poder da integração antirracista”. Ela também alerta para uma característica padrão da supremacia branca que é a lógica excludente e relembra que, na educação democrática, deve-se partir da lógica da inclusão, “ambos/e”. Outro padrão da supremacia branca é a socialização da dominação por isso faz-se necessário a consciência sobre o desejo de poder que toda pessoa que vive em uma sociedade de cultura dominante acredita como parte das relações.

O ensinamento 7, “como podemos servir”, trata sobre a profissão educador como uma profissão do cuidado, do servir, e suas implicações, afinal a sociedade patriarcal supremacista branca capitalista imperialista não valoriza profissões desse tipo. Essa desvalorização faz com que os professores e professoras rejeitem a proposta de servir, o que acarreta uma educação deficitária, já que para bell hooks o compromisso de servir é uma “prática libertadora contra-hegemônica” que desestabiliza a educação bancária.

“Superando a vergonha” é o ensinamento 8 em que hooks aborda os episódios de vergonha e humilhação que os estudantes de grupos marginalizados enfrentam e que afe-

tam a autoestima e confiança. A autora critica a falsa ideia de condições de igualdade, alertando para o fato de que existe uma manutenção da subordinação racial. O mecanismo da subordinação racional é alimentado pela vergonha sistêmica, uma forma de continuar a colonização das mentes de pessoas negras. O imaginário social que tem como um dos principais propagadores a grande mídia reverbera ideias negativas sobre pessoas negras. Crianças crescem ouvindo e assistindo estereótipos racistas serem repetidos na televisão e no cinema. Essa também é uma forma de racismo cotidiano que pode passar sutilmente. bell alerta para a vigilância crítica como um dos principais impeditivos da humilhação como “arma de terrorismo psicológico”.

No “ensinamento 9 — guardiões da esperança: o ensino em comunidades”, bell hooks compartilha um novo diálogo com o filósofo e amigo branco Ron Scapp². Durante a conversa, os autores comentam sobre como utilizam de narrativas pessoais para mostrar às pessoas que ambos estão em constante vigilância crítica para preservar o comprometimento com a educação como prática da liberdade. Neste capítulo, os autores elencam os valores essenciais para a educação como prática da liberdade: generosidade, coragem e disposição para reconsiderar crenças antigas (p. 185). Essa disposição bell chama de “abertura radical”, se manter aberto é “garantia contra qualquer forma de pensamento doutrinário”. A amizade de bell com Scapp foi um lembrete da possibilidade real de transformação de pessoas brancas e formação de uma comunidade.

Toda obra de bell hooks é permeada de textos autobiográficos e histórias de vida. No “ensinamento 10 — aprendido progressista: um valor de família”, a autora aborda a família como a primeira comunidade e espaço educativo. E

² No livro *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade* (2013) há um diálogo com o Ron Scapp no capítulo 10. “A construção de uma comunidade pedagógica: Um diálogo”.

como suas escolhas intelectuais afetaram e influenciaram seu pai, mãe, irmão e irmãs. Neste capítulo, bell exemplifica a educação como prática da liberdade em família. Ela diz que assim como escreve e tece críticas sobre pessoas da família, deve-se manter aberta às respostas que vão surgir. Dessa maneira demonstra características da educação democrática: “disposição mútua para ouvir, argumentar, discordar e construir paz” (p. 201). É nesse capítulo também que bell aponta uma solução para famílias de classe trabalhadora com filhos pouco engajados na leitura e na escrita. A educadora propõe uma leitura compartilhada em família para gerar um debate e um momento familiar. E discussões críticas sobre o conteúdo da televisão e filmes.

Um dos temas importantes da obra de bell hooks é o amor. Além da Trilogia do Ensino, a autora produziu a Trilogia do amor³ — *Tudo sobre o amor: novas perspectivas* (2021), *Salvation: Black people and love* (2011) e *Communion: The female Search for love* (2022). No ensinamento 11, “um diálogo sincero: ensinar com amor”, a educadora fala sobre as conexões emocionais no contexto educacional. bell parte da ideia de que é aceitável um professor dizer que ama o seu trabalho e o ato de ensinar, mas que há uma cautela ao dizer que ama os seus estudantes. A cautela vem da valorização excessiva da objetividade. A sociedade acredita que as emoções afetam o julgamento e a objetividade.

Para bell hooks há um perigo na valorização excessiva da objetividade. Ela pode afirmar a autoridade, o desejo de dominar e controlar, e diminuir ou anular o espaço para escuta. As respostas dos estudantes à objetividade excessiva dos professores são o medo e a competição contra os colegas e professores — situações que não dialogam com a educação democrática e a proposta de comunidade. A solução propos-

³ A trilogia está sendo traduzida e publicada no Brasil pela Editora Elefante. Os títulos em inglês ainda não foram traduzidos.

ta por hooks para lidar com essa questão é o amor, definida por ela como uma “combinação de carinho, comprometimento, conhecimento, responsabilidade, respeito e confiança” (p. 216).

Sexo e sexualidade são temáticas abordadas na perspectiva da educação, por meio do ensinamento 12, “o sexo bom: pedagogia apaixonada”. No capítulo a autora alerta que o erótico está presente em todo momento. E faz-se necessário reconhecê-lo para também reconhecer as responsabilidades. A autora argumenta que o erótico pode ser mecanismo de exploração e opressão, mas também “lugar de empoderamento e de transformação positiva”. Para hooks, colocar o erótico apenas como mecanismo de exploração e opressão reforça a negatividade do desejo. A autora levanta a importância de discutir abertamente sobre erotismo, relações de poder e autonomia sexual.

Além do amor, espiritualidade também é um assunto recorrente na obra de bell hooks. Em *Ensinando comunidade*, a autora compartilha três ensinamentos que abordam a espiritualidade na educação, “ensinamento 13 — espiritualidade na educação”, “ensinamento 14 — assim é a nossa vida: ensino sobre a morte” e “ensinamento 15 — questões espirituais em sala de aula”. O pai e a mãe de bell hooks foram cristãos fundamentalistas, mas hooks escolheu o budismo como prática espiritual.

Assim como a educação convencional preza pela objetividade, também há o encorajamento da desconexão com uma vida espiritual. A autora traz no “ensinamento 15 — questões espirituais em sala de aula” a proposta de Dalai Lama sobre o que é espiritualidade para elucidar aos professores que é possível tratar sobre espiritualidade na educação sem fazer relação com religião. Espiritualidade está relacionada com qualidades interiores como amor, compaixão, paciência, tolerância, capacidade de perdoar, contentamento,

noção de responsabilidade, noção de harmonia. Tudo isso traz contentamento para quem pratica e para todos envolvidos. A partir dessa definição, cultivar a espiritualidade está associada à formação de comunidade e prática da educação democrática.

No último ensinamento, “sabedoria prática”, hooks compartilha a proposta de imaginação profética que dialoga com a criação de subcultura revolucionária, uma intervenção radical no conhecimento e na prática. E com base nisso reforça a construção de uma comunidade sem medo da diversidade e com abertura para diálogo, alegria e conexão entre teoria e prática.

Ao final do prefácio de *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*, bell hooks diz que espera que o livro “envolva você e renove seu espírito”. E após conhecer os dezesseis ensinamentos, há mesmo um sentimento de renovação que orienta para a prática da educação democrática e construção de comunidade. É um convite para descolonizar pensamentos e práticas em qualquer espaço educativo.

[Recebido em: 29 abr. 2022 — Aceito: 15 jul. 2022]